



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO I

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 27 de Setembro de 1978

A caridade

"Meu Deus, com todo o coração e acima de todas as coisas Vos amo, bem infinito e nossa eterna felicidade, e por vosso amor amo o meu próximo como a mim mesmo e perdão as ofensas recebidas. Ó Senhor, ame-vos eu cada vez mais". É oração conhecidíssima, com expressões bíblicas embutidas. Foi minha mãe que me ensinou. Rezo-a várias vezes por dia, mesmo agora, e procuro explicar-vo-la, palavra por palavra, como faria um catequista de paróquia. Estamos na "terceira lâmpada de santificação" do Papa João: a caridade.

Amo. Na aula de filosofia dizia-me o professor: — Tu *conheces* a torre de São Marcos? — Conheço. — Isso significa que ela entrou dalgum modo na tua mente: fisicamente ficou onde estava, mas no teu íntimo ela imprimiu quase um retrato seu, intelectual. Mas tu, por tua vez, *amas* a torre de São Marcos? Significa isto que aquele retrato te impele de dentro e te inclina, quase te leva e te faz ir, com o espírito, até à torre que está fora.

Numa palavra: amar significa viajar, correr com o coração para o objecto amado. Diz a *Imitação de Cristo*: quem ama "currit, volat, laetatur": corre, voa e alegra-se (*Imitação de Cristo*, 1. III, c. V, n. 4). Amar a Deus é portanto um viajar com o coração para Deus. Viagem belíssima, embora comporte por vezes sacrifícios. Mas estes não nos devem fazer parar. Jesus está na cruz: queres beijá-l'O? Não o podes fazer sem te debruçares sobre a cruz e deixar que te fira algum espinho da coroa, que está na cabeça do Senhor (Cfr. Sales, *Oeuvres*, Annecy, t. XXI, p. 153). Não podes fazer a figura do bom São Pedro, que foi valente em gritar "Viva Jesus" no monte Tabor, onde havia alegria, mas não deixou sequer que o vissem ao lado de Jesus no monte Calvário, onde havia risco e dor (*Ibidem.*: t. XV, p. 140). O amor a Deus é também viagem misteriosa: isto é, eu

não parto se Deus não toma primeiro a iniciativa. *Ninguém* — disse Jesus — *pode vir a mim, se o Pai... o não atrair* (Jo. 6, 44). Perguntava Santo Agostinho a si mesmo: Mas, então, a liberdade humana? Deus, que decidiu que ela existisse e construiu essa liberdade, sabe muito bem como respeitá-la, levando embora os corações ao ponto que tinha em vista: "parum est voluntate, etiam voluptate traheris"; Deus atrai-te não só de modo que tu mesmo venhas a querer, mas até de modo que tu gostes de ser atraído (Augustinus, *In Io. Evang.* Tr. 26, 4).

Com todo o coração. Faço notar, aqui, o adjectivo "todo". O totalitarismo, em política, é feio. Na religião, pelo contrário, um totalitarismo nosso, quanto a Deus, está muitíssimo bem. Foi escrito: *Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos, que hoje te imponho, serão gravados no teu coração. Ensiná-los-ás aos teus filhos e meditá-los-ás quer em tua casa, quer em viagem, quer ao deitar-te ou ao levantar-te. Atá-los-ás, como símbolo, no teu braço, e usá-los-ás como um frontal entre os teus olhos. Escrevê-los-ás sobre os pilares da tua casa e sobre as tuas portas* (Deut. 6, 5-9).

Aquele "todo", repetido e levado à prática com tanta insistência, é com toda a verdade a bandeira do maximalismo cristão. E é justo: Deus é demasiado grande, demasiado merece de nós, para que baste deitar-lhe, como a um pobre Lázaro, unicamente algumas migalhas do nosso tempo e do nosso coração. Bem infinito e será a nossa felicidade eterna: dinheiro, prazeres e felicidades deste mundo, em comparação com Ele, são apenas fragmentos de bem e momentos fugidios de felicidade. Não seria acertado dar muito de nós a estas coisas e dar pouco a Jesus.

Acima de todas as coisas. Agora entra-se numa comparação directa entre Deus e o homem, entre Deus e o mundo. Não seria justo dizer: "Ou Deus ou o homem". Deve-se amar "não só a Deus mas também o homem"; este último, porém, nunca mais do que Deus ou contra Deus ou tanto como Deus. Por outras palavras: O amor de Deus é certamente dominador, mas não exclusivo. A Bíblia declara Jacob santo (Dan. 3, 35) e amado por Deus (Mal. 1, 2; Rom. 9, 13), mostra-o comprometido a sete anos de trabalho para conquistar Raquel como esposa; e *pareceram-lhe poucos dias aqueles anos, tão grande era o amor que por ela sentia* (Gén. 29, 20). Francisco de Sales tece sobre estas palavras um comentariozinho: "Jacob — escreve — ama Raquel com todas as suas forças, e, com todas as suas forças ama a Deus; mas nem por isso ama Raquel como a Deus, nem a Deus como a Raquel. Ama a Deus como seu Deus sobre todas as coisas e mais que a si mesmo; ama Raquel como sua esposa acima de todas as outras mulheres e como a si mesmo. Ama a Deus com amor absolutamente e soberanamente sumo, e Raquel com sumo amor marital; um amor não é contrário ao outro, porque o de Raquel não inutiliza as vantagens supremas do amor de Deus" (Sales, *Oeuvres*, t. V, p. 175).

E por vosso amor amo o meu próximo. Estamos aqui diante de dois amores que são "irmãos gémeos" e inseparáveis. Algumas pessoas é fácil amá-las. Outras, é difícil: não nos são simpáticas, ofenderam-nos e fizeram-nos mal. Só se amo Deus a sério, chego a amá-las a elas, como filhas de Deus e porque Deus mo pede. Jesus fixou também como há-de o próximo ser

amado: quer dizer, não só com o sentimento, mas com obras. Este é o modo, disse: Perguntar-vos-ei: Tinha fome, e vós destes-me de comer quando assim estava faminto? Visitastes-me quando estava doente? (Cfr. *Mt. 25, 34 ss.*). O catecismo traduz estas e outras palavras da Bíblia no duplo catálogo das sete obras de misericórdia corporais e sete espirituais. O catálogo não é completo e convinha actualizá-lo. Entre os famintos, por exemplo, hoje não se trata só deste ou aquele indivíduo; são povos inteiros. Todos nos lembramos das notáveis palavras do Papa Paulo VI: "Os povos da fome dirigem-se hoje de modo dramático aos povos da opulência. A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão" (*Populorum Progressio*, 3). Neste ponto, à caridade junta-se a justiça, porque — diz ainda Paulo VI — "a propriedade privada não constitui para ninguém um direito incondicional e absoluto. Ninguém tem direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando a outros falta o necessário" (*Ibid.*, 23). Por conseguinte, "torna-se escândalo intolerável... qualquer recurso exagerado aos armamentos" (*Ibid.*, 53).

À luz destas vigorosas expressões vê-se quanto indivíduos e povos estão ainda longe de amar os outros "como a si mesmos", que é mandamento de Jesus.

Outro mandamento: *perdão as ofensas recebidas*. A este perdão quase parece que o Senhor dá precedência sobre o culto: *Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta (Mt. 5, 23-24)*.

As últimas palavras da oração são estas: *ó Senhor, ame-vos eu cada vez mais*. Também aqui há obediência a um mandamento de Deus, que estabeleceu no nosso coração a sede do progresso. Das palafitas, das cavernas e das primeiras cabanas passámos às casas, aos palácios e aos arranha-céus; das viagens a pé, e sobre o dorso de mula ou de camelo, aos carros, aos combóios e aos aviões. E deseja-se progredir ainda com meios cada vez mais rápidos, atingindo metas mais e mais altas: Mas amar a Deus — já o vimos - é também uma viagem: Deus quer que ela seja cada vez mais decidida e perfeita. Disse a todos os seus: *Vós sois a luz do mundo, o sal da terra (Ibid.. v. 8); sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito (Ibid. v. 48)*. Isto significa: amar a Deus não pouco, mas muito; não parar no ponto a que se chegou, mas, com o Seu auxílio, progredir no amor.

Depois da Audiência

Precisamente como se estivesse a dar uma lição de catecismo, quis interrogar uma das crianças presentes. Falando da mão que Cristo dá ao dirigirmo-nos para Ele com desejo cada vez maior de progredir no caminho da perfeição, o Papa fixou-se no auditório e disse:

"Engano-me, ou está aqui uma quinta classe elementar? Um desses meninos pode vir ajudar o

Papa?". *E um dos pequenos aproximou-se. (Mais tarde iria confessar: "Estava tão impressionado! Tremiam-me as pernas e não sabia que dizer nem que fazer. Improvisamente encontrei-me tão perto do Papa que não percebia nada do que estava a acontecer à minha volta!").*

— "Em que classe andas?", *perguntou-lhe o Santo Padre. E aproximando do miudinho o microfone, depois de cada pergunta, exactamente como se se tratasse de uma entrevista, tentou fazê-lo manifestar o desejo de progredir na escola. Daniel — assim se chamava o pequeno — disse candidamente que nada mais desejara do que permanecer na quinta classe, para ficar com a mesma Professora.*

"Olá!, — *disse por sua vez João Paulo I —, este menino é mesmo diferente do Papa! Eu, quando estava na quarta, dizia: 'Quem me dera chegar depressa à quinta!'. Pois bem, Daniel, o Senhor colocou dentro de nós um grande desejo de progredir, de andar para a frente... Mesmo aos grandes... Todos desejamos caminhar para diante". E depois de haver despedido, com uma carícia paterna, o pequenino Daniel, prosseguiu o seu discurso.*

Por fim, notando a presença de um grupo de doentinhos, dirigiu-lhes algumas palavras em particular.

"Sabei que o Papa vos compreende e vos ama muito. O Papa esteve oito vezes no hospital e submeteu-se a quatro operações". *E formulou votos por que em breve se restabelecessem.*